

A dimensão da ideia de civilização no contexto da reforma urbana de Pereira Passos

André Nunes Azevedo¹

Resumo: Este artigo tem por fim discutir o sentido da ideia de civilização no contexto da reforma urbana do prefeito do Rio de Janeiro, Francisco Pereira Passos, um engenheiro filiado aos valores que foram predominantes na elite imperial. Para tanto, nos serviremos da hermenêutica de diversas fontes documentais, como os discursos do prefeito, periódicos da época em questão, a saber: 1903-1906, e outras fontes secundárias que nos ajudarão a pensar a ideia de civilização presente no Ocidente.

Palavras-Chaves: civilização; reforma urbana; Rio de Janeiro.

Abstract: This article aims to discuss the meaning of the idea of civilization in the context of the urban reform of Rio de Janeiro's mayor, Francisco Pereira Passos, an engineer affiliated to the values that were prevalent in the imperial elite. For that, serving of the hermeneutics of various documentary sources, as the mayor's speeches, periodicals of the time, namely: 1903-1906, and other secondary sources that will help us to think the idea of civilization present in the West.

Keywords: civilization; urban reform; Rio de Janeiro.

Francisco Pereira Passos fora um homem cuja a maior parte de sua vida, ou cerca de 75% dela, fora vivenciada no Império. Nasceria em 1836. Largou a prefeitura do Rio de Janeiro com 70 anos de idade. Era significativamente mais velho que a maioria dos engenheiros destacados do Clube de Engenharia que atuaram na Grande Reforma Urbana do Rio de Janeiro, ocorrida entre 1903 e 1906. Fez parte de uma geração de engenheiros para os quais a alternativa de trabalho fora, quase exclusivamente, o serviço público (ATHAYDE, 1944; PAULOPOLITANO, 1941 e SILVA 1943). No Brasil de 1865, não havia mais do que 27 engenheiros (COELHO, 1999), e a prova para a o curso superior de engenharia da Escola Central que definia as primeiras colocações era a de Latim, e não as de Física e Matemática (TELLES, 1994). Passos desenvolveu a sua carreira, sobretudo, e precipuamente, como funcionário do Império, chegando mesmo ao cargo máximo da elite técnica do século XIX imperial, a direção da Estrada de Ferro D. Pedro II (COELHO, 1999).

¹ Professor Adjunto PPGH UERJ e Departamento de História UERJ. Contato: azevedoemigrante@gmail.com.

Segundo Ilmar de Mattos (1986), autor de uma das maiores obras de referência sobre o Brasil imperial, a elite política que construiu o Estado imperial durante as primeiras décadas do II Reinado teve as suas ações orientadas pelos princípios de ordem e de civilização² (MATTOS, 1986, pp. 2-3), princípios que foram fundamentais no seu processo de constituição, jogado ao longo da via de construção do próprio Estado Imperial. Bernardo Ricupero, estudioso da ideia de nação e do romantismo político no Brasil e na América espanhola, destaca também a centralidade da ideia de civilização para a geração que assumiu a tarefa de construir a nação no Brasil e no restante da América Ibérica (RICUPERO, 2004, p. XXV).

Passos compôs de maneira destacada uma geração de profissionais da tecnologia que atuaram no serviço público do Estado Imperial. O sentido da atuação desse Estado, designado por Mattos (1986) como Estado Saquarema, em alusão a sua elite política vinculada ao partido conservador, era civilizar o Brasil, com todos os pressupostos que essa ideia de civilização galvanizava: desenvolvimento de infraestrutura, de um Estado atuante através de uma elite educada de bacharéis, que perpetraria mudanças vindas do Estado, de cima para baixo, em direção à ordenação da sociedade, uma vez que a ideia de ordem pública e governo centralizado na orquestração das transformações da sociedade eram decisivas no arco de valores dos conservadores do Brasil imperial (MATTOS, 1986 e CARVALHO, 1980). No entanto, para além desses princípios, a ideia de civilização, não só no Brasil, mas também no Ocidente, esteve fundeada no tempo pretérito. Se a noção de progresso apontava para um dado referenciado em um futuro adventício (NISBET, 1981 e BURY, 1971), a ideia de civilização, de forma distinta, estribava-se em um passado, em uma tradição (BRAUDEL, 1989, p. 51 e STAROBINSKY, 1999, p. 12).

Pereira Passos foi um engenheiro imbuído desse arco de valores egressos da elite política hegemônica no Império. Para ele, na qualidade de agente público permeado pelos valores do campo conservador imperial, a ideia de civilização era o valor maior a ser perseguido na ação do gestor público, um horizonte de valores distinto do valor máximo consagrado com os liberais do novo regime republicano: a ideia de progresso, um progresso que se entendia como desenvolvimento material e um movimento inexorável em direção ao futuro, que só poderia se estabelecer pelo arrasamento de um passado. No caso das elites liberais a testa da República, o passado colonial, lusitano e monárquico do Brasil. A

² O sentido da ideia de civilização no Brasil do século XIX pode ser captado no próprio trabalho referido de Mattos (MATTOS, 1986). Entendemos que, pela amplitude do seu significado de época, o seu sentido ficaria limitado se optássemos aqui por uma definição. Não obstante, apresentamos outra referência, que colabora na reflexão sobre a ideia de civilização no Ocidente, que pode ser encontrada em Azevedo (AZEVEDO, 2016).

República invertera o eixo de valores presente no Império, no qual a ideia de civilização subsumia a si a noção de progresso. A própria ideia de progresso presente no II Reinado supunha um movimento que englobava e superava um passado. Na República, foi a ideia de progresso que passou a submeter aos seus desígnios a noção de civilização³. Assim, se Pereira Passos fora um homem público pautado pelas referências valorativas do Império a atuar no período republicano, a sociedade atuante na Capital Federal da República, de forma majoritária, sustentava uma ideia de civilização vinculada à noção de progresso, embora ainda se pudessem perceber, sobretudo através da imprensa do Rio de Janeiro, uma presença residual de uma ideia de civilização que não negava o passado.

A ideia de civilização nas Mensagens do Prefeito

A importância conferida pelo Prefeito à ideia de se desenvolver uma civilização na cidade aparece frequentemente nas suas mensagens à Câmara Municipal do Rio de Janeiro. No âmbito dessa preocupação figura também uma espécie de "diagnóstico" do estado ou "grau de civilização" na cidade, sua situação naquilo que seria percebido como o processo de desenvolvimento do movimento histórico da civilização. Vejamos:

Ao mesmo tempo encetei os melhoramentos de que a cidade é tão carecedora, já no que diz respeito à abertura de novas vias de comunicação, já no que se refere ao alargamento das atuais, a reforma do calçamento, a arborização, ao ajardinamento das praças, ao embelezamento dos nossos melhores logradouros públicos, **ao desenvolvimento das diversões populares gratuitas**, já, finalmente, cuidando da extinção de males arraigados que davam a nota deprimente do atraso da nossa **civilização**.⁴ (Grifos meus)

Pereira Passos avaliava que a situação daquilo que entendia como “movimento da civilização no Rio de Janeiro” era considerada como sendo de "atraso". No entanto, o Prefeito se diz combatendo tal "atraso", o que demonstra fazer através de dois focos de ação articulados: o melhoramento estético e viário da cidade - "abertura de novas vias de comunicação(...), alargamento das atuais, a reforma do calçamento, a arborização, ao ajardinamento das praças, ao embelezamento dos nossos melhores logradouros públicos" - e da regulamentação da ética urbana - "cuidando da extinção de males arraigados". Assim, as armas utilizadas pelo Prefeito para combater o "atraso da civilização" no Rio de Janeiro

³ Para melhor dimensionarmos a natureza da relação entre as ideias de civilização e progresso no Império e sua transformação na República, cabe a leitura de Azevedo (AZEVEDO, 2003), onde essa relação de imbricação ganha vasto espaço para entrar em foco.

⁴ Mensagem do Prefeito do Distrito Federal Lida na Sessão do Conselho Municipal de 1º. de setembro de 1903. Rio de Janeiro: Typographia da Gazeta de Notícias, 1906. p. 7. (Grifo meu).

seriam o reordenamento viário da cidade, seu aprimoramento estético e a regulamentação da ética urbana.

Na avaliação de Pereira Passos, o Rio de Janeiro, antes de sua ação reformadora, não era um espaço digno de um povo civilizado, não podendo, portanto, estar à altura de ser a capital nacional. A ausência de atrativos e a falta de primor estético para com o espaço urbano afastariam a população do centro da cidade, reduzindo assim a ação civilizadora à esfera privada de cada família, o que denunciava a ausência do poder público em seu dever civilizador.

Velhas usanças se mantinham que, em muitos casos, lhe negavam os foros de capital e mesmo de simples habitat de um povo **civilizado**. Deficiências de vias de comunicação(...)carência quase completa de embelezamento ou **de quaisquer atrativos nos logradouros públicos, afastando deles a população**; edificação antiquada, anti-higiênica, anti-estética e uma infinidade de outros defeitos a atestarem o longo e contínuo descaramento das mais palpitantes necessidades públicas⁵. (Grifos meus)

Mais uma vez o prefeito revela o seu intuito de atrair a população ao centro da cidade, quando chama a atenção para o dever do poder público em tornar atrativo o centro urbano e lamenta que essa ação pública ainda não tivesse ocorrido no Rio de Janeiro. No que tange ao "estado de civilização" da urbe quando da sua posse, o quadro aterrador que Pereira Passos descrevera foi se modificando. Da cidade que não merecia ser "*habitat de um povo civilizado*", presente na mensagem de setembro de 1903 - entre outras coisas pelos hábitos condenáveis de seu povo - passava-se à cidade cujo povo demonstrava "elevada civilização". É o que podemos perceber, sete meses depois na mensagem do Prefeito ao Conselho Municipal, de abril de 1904:

Muito tem concorrido para os progressos que, no tocante à jardinagem e embelezamento da cidade que vamos realizando, com o decidido auxílio do povo, a cuja guarda e vigilância se acham entregues os nossos jardins, sobretudo os abertos nos quais ninguém toca sequer, nem consente que os menos avisados o façam. É fato que sobremodo abona o bom gosto, o critério e a elevada **civilização** do povo desta capital. (Grifos meus)

Assim, na ânsia de ver a cidade do Rio de Janeiro civilizada, fim maior de sua reforma urbana, Pereira Passos constrói a imagem de um carioca ideal, que se sobrepõe ao carioca real. Este, muitas vezes maltrapilho e descalço, denunciava em seus hábitos, posturas e expressões corporais as marcas de uma cidade escravista, distante dos padrões europeus que o Prefeito vislumbrava em seu Rio de Janeiro idealizado. Como em um passe de mágica, a

⁵ Mensagem do Prefeito do Distrito Federal Lida na Sessão do Conselho Municipal de 1º. de setembro de 1903. Rio de Janeiro: Typographia da Gazeta de Notícias, 1906. p. 5-6. (Grifo meu).

cidade que aparecia em seus discursos precariamente civilizada em 1903, ia paulatinamente se transmutando, nas mensagens do prefeito, em uma urbe civilizada, em que pesasse a permanência de hábitos há muito sedimentados na forma de uso do espaço urbano⁶.

A cidade ideal de Pereira Passos inspirava-se nos países ocidentais tidos como "civilizados" – os da Europa e América do Norte –, os quais deveriam ser paradigmas à nova ética urbana que o Prefeito tencionava implantar. É como podemos perceber em um dos trechos da Mensagem do Prefeito, em abril de 1903, quando aborda o problema da falta de fiscalização na venda das carnes verdes: "E tratando-se da fiscalização do gênero de consumo que é reconhecido como veículo de grande número de germens infectuosos, para cujo rigoroso exame todas as cidades de certa importância dos **países civilizados** possuem bem montados laboratórios (...)"⁷.(Grifos meus)

Da mesma forma, Pereira Passos toma o exemplo das nações ditas "civilizadas" quanto ao serviço de assistência municipal:

"Quanto ao serviço de assistência municipal, cuja importância não preciso encarecer, e que se me afigura um dos que mais exigem nossa atenção e cuidados, pela sua natureza essencialmente municipal e pela crescente importância que tem assumido nas **nações civilizadas**, como sendo uma das obrigações que mais se impõem à administração pública"⁸. (Grifos meus)

Embora não mais importante que a ideia de civilização para Pereira Passos, a referência de progresso aparecia também com frequência nos discursos do Prefeito. Não obstante essa palavra ter adquirido cada vez mais a conotação de desenvolvimento material no período republicano, no texto de Pereira Passos ela aparece sempre com o sentido de melhoria, de um melhoramento contínuo projetado adiante: "É notável o **progresso** das edificações nas ruas melhoradas. No decurso do ano de 1905 foram iniciadas 180 construções nestas ruas, e se acham concluídas 111, das quais 90 já habitadas"⁹. (Grifos meus)

Faz-se interessante notar que, embora o texto aborde uma dimensão da economia da cidade, a utilização textual do termo progresso não tem a sua referência postada na obra de

⁶ Podemos fazer menção aqui a uma vasta literatura que aborda a continuidade desses hábitos na época em questão. Ela vai desde as análises perspicazes e sensíveis de época, feitas por João do Rio (RIO, 1997) e Luis Edmundo (EDMUNDO, 2003), até a historiografia da década de 1980 que trata da cidade, entre os quais, podemos citar: Maurício Abreu (ABREU, 1988); Jaime Benchimol (BENCHIMOL, 1990) e José Murilo (CARVALHO, 1987).

⁷ Mensagem do Prefeito do Distrito Federal Lida na Sessão do Conselho Municipal de 3 de abril de 1903. Rio de Janeiro: Typographia da Gazeta de Notícias, 1906. p. 25. (Grifo meu).

⁸ Mensagem do Prefeito do Distrito Federal Lida na Sessão do Conselho Municipal de 3 de abril de 1903. Rio de Janeiro: Typographia da Gazeta de Notícias, 1906. p. 110. (Grifo meu).

⁹ Mensagem do Prefeito do Distrito Federal Lida na Sessão do Conselho Municipal de 3 de abril de 1906. Rio de Janeiro: Typographia da Gazeta de Notícias, 1906. p. 45. (Grifo meu).

construção civil em si, mas no papel de ilustração que a obra desempenha em um processo de melhoramento contínuo e mais amplo que ela mesma.

No seu discurso, Pereira Passos alude ao "*progresso das edificações*", associando, portanto, a palavra progresso ao termo edificações, conferindo assim um sentido de melhoria continuada, projetada adiante. Perceba-se que o sentido não é o de designar o crescimento das edificações em si como progresso, como um valor em si, o que seria designado, caso fosse a intenção do Prefeito, com a exclusão da palavra edificações do texto, no qual se encontra associada com o termo progresso. Nesse caso, teríamos: "É notável o progresso nas ruas melhoradas", o que seria apropriado para designar o progresso como valor si.

Deve-se ressaltar também que o texto remete ao avanço do melhoramento no tempo, pois a mensagem, escrita em 1906, buscou evidenciar um processo de melhoria em avanço, que vinha se realizando desde o ano anterior. Ainda, o melhoramento é desdobrado em vários aspectos, número de construções iniciadas, número das efetivamente construídas e, ainda, a quantidade daquelas já habitadas, o que indica uma tentativa de ilustrar ao leitor a forma de tradução do movimento do progresso, a intensidade do seu ritmo.

No entanto, não obstante o intuito de Pereira Passos em fomentar o "progresso da cidade", este progresso, como já tivemos ocasião de perceber, buscou, de forma um tanto paradoxal para o sentido moderno da palavra, operar também uma conservação. Vejamos um trecho da primeira Mensagem do Prefeito, quando este anuncia o caráter do progresso que pretende estimular no Rio de Janeiro:

Procurei com sumo cuidado evitar este escolho. Não me seduziu a glória de substituir de chofre as nossas vielas de seis e sete metros por magestosas Avenidas de larguras comparáveis as das grandes metrópoles européias, onde a abundância de capitais permite rasgá-las e as condições climatológicas as aconselham. Pensando que sem continuidade não há **progresso real**, procurei determinar a transformação gradual da nossa cidade sem onerar as gerações futuras com grandes encargos¹⁰.
(Grifos meus)

Podemos notar que o que era concebido como *progresso real* no entendimento de Pereira Passos seria aquele que somente se opera quando acrescentando a uma matriz anterior, quando a ação de melhoramento era operada na chave da continuidade, e não do arrasamento para a constituição de um novo radical, pois no dizer do prefeito: *sem continuidade não há progresso real*. O engenheiro também demonstra ter cara para si a ideia de continuidade quando afirma que "procurarei determinar a transformação gradual da nossa cidade". Esse

¹⁰ Mensagem do Prefeito do Distrito Federal Lida na Sessão do Conselho Municipal de 1º. de setembro de 1903. Rio de Janeiro: Typographia da Gazeta de Notícias, 1906. p. 11. (Grifo meu).

conceito de progresso seria em muito distinto do sustentado pela elite política republicana, que o pensou como afirmação do novo enquanto completa superação do passado.

A percepção da necessidade de se impor um ritmo gradual à transformação urbana do Rio de Janeiro parte da visão conservadora de progresso de Pereira Passos¹¹. Para este, o progresso não deve se operar de forma abrupta, com uma ruptura radical através de uma intervenção urbana decisiva que o configure acabado, mas a partir de firmes e continuadas intervenções do poder público sob o espaço urbano.

Com efeito, podemos afirmar que a ideia de progresso sustentada por Pereira Passos foi uma noção de progresso conservadora. Uma ideia na qual as mudanças somente se efetivariam a partir de níveis de continuidade para com uma estrutura anterior que, por sua vez, permitiriam o desenvolvimento de níveis de mudança, os quais sempre deveriam ser operados de maneira gradual e continuada, a fim de não comprometer a conservação necessária ao movimento do progresso.

No entender de Pereira Passos, para além de somente um crescimento e inovação nos campos econômico e tecnológico, o progresso era um desenvolvimento gradual e contínuo de melhoramento projetado adiante que opera um movimento de transformação e conservação.

Na concepção do Prefeito, o progresso consistiria no desenvolvimento de uma civilização, o que supunha a reverência a um passado que informa e legitima a situação presente de uma civilização. Cabe lembrar que a noção de civilização é fundeada em um passado, sendo a sua própria legitimação dada por um tempo pretérito, pelo vigor de uma tradição¹². Nisso se distingue da ideia de progresso, que se apresenta estribada em um advir, em um tempo futuro. Quando afirmamos, de maneira aparentemente paradoxal, que Pereira Passos tem uma visão conservadora do progresso, entendemos que é porque – de maneira distinta da elite política republicana da época da reforma – entendia que a noção de progresso deve estar subsumida àquilo que entendia como um valor maior, o desenvolvimento de uma civilização no tempo. Por isso, fora fundamental à Pereira Passos a reverência à tradição da

¹¹ Quanto ao caráter gradualista e evolucionista da noção de progresso presente no horizonte dos conservadores que reagiram às ideias de progresso de liberais e socialistas diante das descobertas de Darwin em 1859, gostaria de remeter aqui o leitor para a rica discussão que Norberto Bobbio realiza no seu verbete conservadorismo no dicionário de política que organiza. Ver: (BOBBIO, 2010).

¹² Cabe marcar aqui que nos utilizamos do termo tradição como um conceito, e não apenas como uma palavra de uso corrente. Tradição aqui deriva da palavra alemã *überlieferung*, que no dizer do filósofo alemão Hans George Gadamer significa “o fundamento da validade dos costumes de um povo”. Cf. (GADAMER, 1997, p.476) Costumo a defini-la como uma cultura enquanto dado referido a uma historicidade, ou seja, uma trajetória histórica, uma experiência coletiva no tempo. Tradição nessa acepção, enquanto conceito, é algo que não pode ser inventado ou extinto por determinação de nenhum indivíduo ou grupo político.

cidade¹³ e aos seus vínculos com um passado que precedia mesmo a sua fundação por Estácio de Sá, um passado que a ligaria à tradição da cultura europeia a qual lhe teria permeado através da colonização portuguesa. Assim, o significado de progresso estaria para além do simples desenvolvimento material, embora não o excluísse. Elementos como a moral, a ética, a organização política e social e a cultura também seriam manifestações do movimento do progresso. É como podemos perceber em um discurso do Prefeito a propósito da conferência internacional Pan-americana realizada em agosto de 1906:

Intenção ou acaso, porém, a vinda de tantos embaixadores das nações da América permitiu-lhes julgarem por si mesmos dos **progressos** que temos realizado, da largueza de nossos recursos, da imponência e dos encantos de nossa natureza.

Das informações insuspeitas que eles levarem às suas pátrias provirão, sem dúvida, para nós os melhores frutos, no interesse do conceito que de nós formam, na expansão de nossas relações comerciais, e, **sobretudo, no estreitamento dos laços morais e intelectuais**¹⁴. (Grifos meus)

Neste texto, a palavra "*progressos*" aparece associada a "*relações comerciais*", uma expressão atinente ao campo econômico. No entanto, o Prefeito busca relacionar o termo "*progressos*" de maneira mais estreita com "*laços morais e intelectuais*" pois faz uso do advérbio "*sobretudo*" para designar a relação de maior importância que o progresso do Rio de Janeiro faz a cidade ter com as nações da América, a relação de "*estreitamento dos laços morais e intelectuais*".

Como já tivemos ocasião de demonstrar, sua percepção do que é progresso dá nota de um valor relativo a outro campo de valores considerado maior. Essa noção de progresso encontrava-se em antinomia com a dimensão de progresso sustentada pela elite política republicana, que entendia essa ideia como um valor em si, e que se traduzia como desenvolvimento material, ao qual todos os demais valores deveriam se subsumir e, ainda, encontrar as suas possibilidades de realização como corolário da efetivação do crescimento econômico e tecnológico de sua sociedade. Uma visão de progresso flagrantemente distinta daquela embalada pelo prefeito.

Assim, com o intuito de estreitar os laços morais com os membros das comitativas internacionais, Pereira Passos prepara toda uma série de eventos, a fim de mostrar os

¹³ Quando apontamos a preocupação de Pereira Passos em reverenciar a tradição da cidade, estamos fazendo referência a tradição constituída pelo poder público em sua ação tida como "civilizadora" ao longo da história do Rio de Janeiro, ou seja, ações que reforçaram a ligação da cidade com elementos da cultura europeia. Sem dúvida, o Prefeito Pereira Passos, longe de afirmar as tradições populares na cidade, procurou combater boa parte delas, por considerá-las indignas do que percebia como sendo uma "cidade civilizada".

¹⁴ Mensagem do Prefeito do Distrito Federal Lida na Sessão do Conselho Municipal de 5 de setembro de 1906. Rio de Janeiro: Typographia da Gazeta de Notícias, 1906. p. 4. (Grifo meu).

"progressos da civilização" em sua cidade. Dando continuidade ao último discurso citado, continua o Prefeito:

A excursão da Tijuca, a festa veneziana em Botafogo, o festival no Teatro Lyrico, deram aos eminentes diplomatas mostras do que conseguiram realizar entre nós, a natureza e o homem, ao mesmo tempo que lhes proporcionaram meios de aquilatar do valor de nossa cultura estética. A recente batalha das flores completou estas festas, que, espero, terão deixado favorável impressão nos nossos ilustres hóspedes, sentindo que os árdus e absorventes de seu alto cargo não permitissem que de todas elas participassem o estadista ilustre que nos visitou¹⁵.

A fim de mostrar uma cidade "civilizada" para os representantes das nações americanas Pereira Passos busca inseri-los em um roteiro que os impressione tanto pela natureza exuberante da cidade, como na excursão à floresta da Tijuca que lhes propiciou, como pela ligação da urbe com a cultura europeia, como na festa de máscaras, com queima de fogos nos moldes venezianos, realizadas em Botafogo, as apresentações no Teatro Lyrico e a aristocrática batalha de flores, uma efêmera criação do Prefeito na cidade. Não resta dúvida que a noção de civilização abraçada por Pereira Passos era eurocêntrica, embora respeitasse e admirasse outras tantas civilizações, como a árabe, a mesopotâmica, a egípcia e a chinesa, que foram citadas em algumas de suas intervenções na cidade. Embora essas civilizações tenham sido citadas como uma espécie de retrato de uma evolução histórica das civilizações rumo ao que entendia como o seu ápice: a civilização europeia moderna. O texto de sua mensagem também deixa transparecer a sua ânsia em inserir o Brasil naquilo que considerava os melhores padrões da civilização ocidental, e ser aceito pelas "nações civilizadas do ocidente" como um par. No caso da Conferência Pan Americana, principalmente os Estados Unidos, mas também Uruguai e Argentina, países que há pouco haviam realizado grandes reformas urbanas nas suas capitais e que, na escala do progresso da elite brasileira, estariam mais "adiantados" que o Brasil.

A palavra civilização através da imprensa carioca na Grande Reforma Urbana de 1903-1906

A palavra civilização foi amplamente utilizada pela imprensa carioca durante o período da Grande Reforma Urbana de 1903-1906¹⁶. Embora, de uma maneira geral, a imprensa do Rio de Janeiro tenha recebido favoravelmente a Grande Reforma Urbana de

¹⁵ Ibidem.

¹⁶ Entendemos que o foco de nossa discussão é a ideia de civilização presente na sociedade carioca da época em tela, e não a imprensa em si. Para que o leitor se posicione a respeito da linha editorial de cada um dos periódicos aqui citados, recomendamos a leitura de duas obras: (EDMUNDO, 2008) e (SODRÉ, 1991).

1903-1906, alguns artigos questionavam a necessidade de uma reformulação urbanística vultuosa e mesmo a maneira pela qual o poder público tencionava civilizar a cidade. Certos articulistas consideraram as reformas urbanas do Rio de Janeiro perdulárias e destinadas somente a melhorar a aparência da cidade, sem solucionar as principais demandas da capital. Segundo tais críticos, os subúrbios teriam sido abandonados, enquanto a ação reformadora não seria mais que uma mera "reforma de fachada"¹⁷, a fim de conferir ao Rio de Janeiro um "verniz de civilizado". É como podemos perceber em um artigo do jornal "O Paiz", escrito ainda nos primeiros meses das reformas urbanas da capital:

"Grato nos seria de certo que pelo mundo ressoasse a fama de sermos um povo grande e salientar que não basta gastar muito para se adquirir títulos a conceito tão honroso. Povos grandes, antes de tudo, são os que amam a liberdade, os que têm o culto do direito, os que zelam a sua tradição de honradez, os que compreendem o valor do trabalho e da economia. Só aos espíritos supérfluos é que algum indivíduo ou Estado pensa fazer-se valer pelo estardalhaço de suas pompas verdadeiras ou chichisbeque pelo desperdício de seu ouro, pela exibição do seu luxo, pelo alardeamento de seu **verniz de civilizado**"¹⁸. (Grifos meus)

Civilização aqui aparece relacionada a termos que remetem a princípios liberais, como liberdade, culto do direito, valor do trabalho e da economia, bem como a valores tradicionais, como honradez. Segundo a avaliação do articulista, grandiloquência, pompa e luxo trariam uma aparência de civilização, desprovida do que se consideraria os seus conteúdos.

No entanto, a despeito das críticas ao "processo civilizador"¹⁹ que o Prefeito tencionava desenvolver no Rio de Janeiro, a maior parte da imprensa carioca mostrava-se interessada na ideia de "civilizar" a cidade.

Estimaríamos que o fotógrafo municipal dispusesse de tempo, ou também de recursos para também andar surpreendendo os nossos maus costumes: indivíduos deitados pelo chão, caídos, bêbados; meretrizes indolentes debruçadas, à mostra, às portas e janelas de suas casas; o barracão da Lapa; o mictório do largo do mesmo nome; as ruínas do mercado da Glória, um frade; e tantas outras coisas ridículas que infestam esta capital e que o tempo e a vontade enérgica do Prefeito se incumbiram de destruir para dar lugar à **civilização em todas as suas maneiras de melhorar e aperfeiçoar**²⁰. (Grifos meus)

É interessante notar a crença no tempo como fator de progresso da civilização: "o tempo e a vontade enérgica do Prefeito se incumbiram de destruir para dar lugar à civilização". De qualquer forma, a despeito mesmo da ação do poder público, o tempo, por si

¹⁷ O termo "reforma de fachada" foi consagrado pela historiografia criticista da Grande Reforma Urbana de 1903-1906.

¹⁸ "Mais Juízo". O Paíz, 01/08/1903. (Apud BRENNNA, 1985, p. 86) (Grifo meu).

¹⁹ Esse processo civilizador consistiria na efetivação gradual de todos aqueles elementos que assinalamos como sendo característicos da ideia de civilização do Prefeito Pereira Passos.

²⁰ "Fotografia Municipal", O Commentario, janeiro de 1904, p. 37-38. (Apud BRENNNA, Op. cit., p. 144) (Grifo meu).

só, já seria agente da civilização, melhorando assim alguns aspectos considerados incivilizados da cidade. Esta concepção da ação do tempo é reveladora da crença otimista na ideia de progresso como um melhoramento constante projetado adiante. Entretanto, o que sobressai no texto é o seu trecho final, no qual o autor escreve: "para dar lugar a civilização em todas as suas maneiras de melhorar e aperfeiçoar". Assim, o autor não só emite um juízo de valor positivo para com a ideia de civilização, como era comum a época, como ressalta que a civilização tem várias maneiras de estimular os melhoramentos na sociedade. Temos aí, portanto, a noção de civilização se sobrepondo à ideia de progresso, pois ela seria a condutora do aperfeiçoamento e melhoramento da sociedade. A utilização da frase "*para dar lugar à civilização em todas as suas maneiras*", indica que a dimensão de civilização se manifesta em vários campos: o econômico, o social, o cultural, o da moral, o do saneamento, da ética urbana, da ordenação da sociedade pela lei, entre outros.

Com efeito, a imprensa do período da Grande Reforma Urbana de 1903-1906 fez menção à ideia de civilização associando-a a diversos aspectos da vida. Um artigo na revista renascença, por exemplo, associa o esforço civilizador empreendido no Rio de Janeiro com a finalidade de responder aos problemas econômicos do Brasil, compartilhando assim da visão das elites dirigentes do Governo Federal, que privilegiaram o aspecto do desenvolvimento material no processo de intervenção urbana da cidade. Na avaliação do articulista da revista Renascença:

Procurar tornar o Rio de Janeiro, pois, uma cidade moderna, confortável e **civilizada**, é a necessidade indeclinável e inadiável do nosso problema econômico. O que se dispender para alcançar esse desideratum não pode comprometer as nossas finanças, porque será despesa altamente remuneradora²¹. (Grifos meus)

Ainda na perspectiva do desenvolvimento material, o Jornal do Brasil apresenta um artigo sobre a Avenida Central, no qual destaca o seu aspecto de salubridade e limpeza, associando estes atributos à ideia de civilização:

"Ah! Bem haja esse movimento forte e restaurador, esse hercúleo movimento de trabalho e de progresso, que vai transformando o Rio de Janeiro, outrora todo colonial e esconso, cortado de azinhagas e vielas, em ampla cidade de amplas Avenidas, de **ruas bafejadas pelas aragens salutareis, banhadas de higiene, forradas de civilização**"²². (Grifos meus)

A civilização também aparece associada a uma nova ética urbana que, esforçando-se para eliminar os traços da cultura popular, buscava afirmar novas posturas e símbolos ligados à cultura europeia de matriz aristocrática, como sendo próprios de um povo civilizado. O

²¹ João de Barro, "Chronica", Renascença, maio, 1904. p. 83-86 (Apud BRENNA, Op. cit., p. 187) (Grifo meu).

²² "Avenida Central", Jornal do Brasil, 14/11/1905 (Apud BRENNA, Op. cit., p. 391) (Grifo meu).

articulista da revista *A Avenida* manifesta o desejo - não sem certa ironia com o caráter restrito do espetáculo - de que uma ética urbana mais consoante com a cultura europeia viesse a se alastrar para todo o conjunto da população carioca, vejamos:

De que o Rio se **civiliza** tivemos uma prova no Sábado último [quando havia ocorrido a batalha das flores].sentimos entretanto que a batalha não houvesse se generalizado entre os assistentes e que não passasse de uma manifestação a flores ao Presidente da República e à Comissão Julgadora²³. (Grifos meus)

Por fim, a imprensa do período vincula a palavra civilização à ideia de desenvolvimento estético e cultural, o que pode ser percebido em um dos eventos mais marcantes da reforma urbana municipal, o início das obras de construção do Teatro Municipal do Rio de Janeiro:

No dia 20, às 2 horas da tarde, realizou-se com toda a solenidade o lançamento da pedra angular do grande edifício em construção do Teatro Municipal. Foi uma cerimônia concorridíssima, graças a simpatia que desperta a ideia de dotar a nossa capital com um teatro normal, velha aspiração de um grupo numeroso e distinto de homens que **veem no progresso da arte dramática uma afirmação da civilização do nosso meio**²⁴. (Grifos meus)

Em meio a tantos aspectos associados pela imprensa carioca à ideia de civilização, sobressaia a figura do Prefeito, a qual era vista como principal proponente e centro do processo de civilização do Rio de Janeiro. Embora coubesse ao Presidente Rodrigues Alves a iniciativa da Grande Reforma Urbana de 1903-1906, as obras do porto, da Avenida Francisco Bicalho, da Avenida Central e mesmo a escolha de Pereira Passos para alcaide da cidade, era o Prefeito que a sociedade carioca percebia como figura principal do desenvolvimento da civilização na urbe. Pereira Passos, mais que outras figuras públicas destacadas da época, como Rodrigues Alves, Lauro Müller e Paulo de Frontin, era a figura na qual a sociedade carioca depositava os créditos de "civilizador" no processo de reforma urbana: "É bem sensível já em muitos pontos a diferença que faz a cidade do Rio de Janeiro, sob a **administração civilizadora do Prefeito** que ela tem a honra de possuir"²⁵. (Grifos meus)

Já as figuras do Ministro Lauro Müller e de Paulo de Frontin, administradores destacados na reforma urbana federal, eram associados com a promoção do progresso: "A rotina e o carrancismo soffreram tremenda derrota, inflingida em campo raso pelo incansável Ministro da Indústria, esse gênio progressista que se chama Lauro Müller, e pelo Dr. Paulo de Frontin, honra e lustre da nossa engenharia"²⁶.

²³ *A Avenida*, 22/08/1903. (Apud BRENNA, Op. cit., p. 93) (Grifo meu).

²⁴ "O Theatro Municipal". *O Malho*. 27/05/1905 (Apud BRENNA, Op. cit., p. 356) (Grifo meu).

²⁵ "A Nova Urbs, O Commentario, junho de 1904, p. 83-84 (Apud BRENNA, Op. cit., p. 191) (Grifo meu).

²⁶ Ferreira da Rosa, "Avenida Central", *Kósmos*, novembro, 1905 (Apud BRENNA, Op. cit., p. 403).

Não obstante a admiração registrada pela imagem de civilizador do Prefeito, a imprensa do Rio de Janeiro também entendia a reforma urbana da cidade como obra cabível não somente à figura de um grande homem, de um *despotés civilizador*, como era percebido por muitos o Prefeito Pereira Passos, mas como uma obra de várias gerações da cidade. O Rio de Janeiro, como cidade formada historicamente, não poderia furtar-se a manter-se legando às gerações futuras aquilo que entendiam como a herança da civilização brasileira. No entanto, parte significativa da imprensa do Rio de Janeiro atribuiu à gestão de Pereira Passos uma ruptura para com o desleixo urbanístico do Império que, segundo setores da sociedade, teria se descurado com este aspecto da civilização.

A preocupação com o futuro da cidade fazia parte da preocupação que parte da elite carioca manifestava com aquilo que, anos à frente, viria a ser o passado glorioso do Rio de Janeiro que ajudaram a construir. Segundo um articulista da revista *O commentario* a propósito do advento das obras do Teatro Municipal:

Se não pensarmos um momento em trabalhar para o futuro nunca o Rio de Janeiro será uma cidade visitável. A vista curta faz isso mesmo que preocupa os carranças. Foi por só enxergarem o que se precisa "agora" que do século XIX só nos ficou o jardim da Praça da República, a casa das moedas e o edifício do correio. (...)É preciso olhar para diante. A cidade não é nossa. Nós morremos, e ela fica. Deixemos a nossos filhos algum sinal do nosso adiantamento para que eles se julguem obrigados a dar maiores provas da sua **civilização**.

Roma ainda hoje admira a obra do Império dos Cézares. É que eles estavam bem convictos de que, governando, não se deviam cingir à existência própria, mas a existência da humanidade²⁷. (Grifos meus)

A civilização aqui é percebida como algo em movimento e, mais do que isso, como um movimento que deve ser alimentado por cada uma das gerações que o desenvolvem, as quais deveriam zelar por oferecer um contributo que propicie um efeito ao longo do tempo, buscando atingir o futuro, o qual deve contemplar a exemplaridade de um passado que tem a dizer a cada presente. Com efeito, as gerações de cada tempo presente deveriam tomar posse de um movimento que lhes vem do passado, acrescentar a este, visando encetar um efeito ao futuro que estimule orgulhosamente os agentes do seu tempo a fomentar o movimento da civilização.

Na perspectiva de se estimular o ideal de civilização no Rio de Janeiro para as gerações futuras - a fim de se projetar, ao mesmo tempo, um futuro e um passado glorioso à cidade do século XX - está o discurso de Aureliano Portugal, Secretário do Prefeito do

²⁷ "Theatro Municipal", *O Commentario*, abril, 1904. P. 306 (*Apud* BRENNNA, Op. cit., p. 173) (Grifo meu).

Distrito Federal, quando da inauguração de uma fonte com escultura em mármore na Praça da Glória, que fora oferecida pelos empresários vinícolas portugueses, os irmãos Ramos Pinto.

É interessante notar que no discurso de Aureliano Portugal, o vigor da presença da civilização no Rio de Janeiro não é somente ressaltado nas ações daquele momento presente, mas como a acumulação de experiências que precediam a própria emancipação política do país. A civilização, no seu aspecto de desenvolvimento urbano, era percebida como fruto de uma ação passada e um esforço presente com vistas ao futuro da cidade. Segundo Aureliano Portugal:

A festa que no momento aqui nos reúne é, ao mesmo tempo que um brilhante episódio, para ser gravado com letras de ouro nos fastos da nossa **civilização** e do nosso progresso, uma das melhores, uma das mais gratas consagrações dessa benemérita campanha que, há quase três anos, se vem lidando, sem desfalecimentos, em prol do engrandecimento desta cidade.

Animadora e dignificante luta essa, senhores, inspirada pela fé inabalável nas energias e no destino de um povo, pois representa, ao mesmo tempo, um vigoroso esforço no sentido do futuro e a melhor consagração da obra ingente e imperecível do passado !

Remontando a menos de cem anos na vida desta cidade, muito longe a encontraremos do que já era ao findar do século passado!

A veremos em limites estreitos, apertados, fora dos quais os maiores obstáculos pareciam de molde a tolher-lhe para sempre os estos²⁸ do desenvolvimento.

Extensas baixadas, sujeitas a periódicas inundações do mar, que, pelo interior, se insinuava em numerosos braços, longas valas, numerosos alagadiços (alguns verdadeiras lagunas), pântanos infectos, morros escarpados, erguidos abruptamente de quase todos os lados, pareciam assinalar os termos fora dos quais a natureza decretara que o homem não passaria.

E, decorridos menos de um século, a cidade, que vimos contemplar em tão apertada e difíceis condições, já passara a apresentar proporções verdadeiramente colossais.

Palmo a palmo conquistara a área dos pântanos, transpusera as baixadas, trepara pela encosta dos morros, ocupando, altiva, seus cômodos²⁹, rolara pelas vertentes opostas, penetrara ou escalara ousadamente as montanhas abruptas, e por toda a parte plantara habitações, deixando em cada ponto sinais inequívocos da fecunda passagem de uma raça forte, laboriosa e tenaz³⁰. (Grifos meus)

O processo de modernização do Rio de Janeiro conduzido pela Prefeitura e estreitamente associado à ideia de civilização foi percebido de maneira positiva tanto como um processo que se apresentava em oposição à tradição da cidade, como um processo que se desenvolvia acrescentando à evolução dessa tradição.

²⁸ A palavra estos, termo em desuso no português do século XXI, significa calor, ardor, paixão.

²⁹ A palavra cômodo, termo em desuso no português do século XXI, significa pequena elevação, pequeno monte ou duna.

³⁰ Discurso proferido pelo Dr. Aureliano Portugal, Secretário do Prefeito do Distrito Federal, no dia 21 de fevereiro de 1906, por ocasião de se inaugurar, no jardim da praça da Glória, a fonte artística de mármore, oferecida à cidade do Rio de Janeiro, pelos industriais portuenses Adriano Ramos Pinto e Irmão (*Apud* BRENNER, Op. cit., p. 458) (Grifo meu).

Não obstante, a Grande Reforma Urbana de 1903-1906 foi vista como detratora das tradições da cidade. O processo de modernização urbana, conduzido em sua maior parte pela municipalidade foi visto com um olhar nostálgico que despertava a saudade do Rio antigo, de suas vielas, esquinas e pequenos monumentos. A "civilização", tão propalada a época era retratada como opositora da tradição encarnada nas antigas vias, edificações e hábitos populares. A "civilização" era tida como uma força monumental que esmagava a simplicidade do carioca, diminuindo-o na sua cidade ao erguer novas avenidas, monumentos e praças amplas que subtraíam as referências habituais do cidadão que transitava pelo centro do Rio de Janeiro. É como podemos perceber através do artigo de Mário Pederneiras na revista *Kósmos*, na qual simula um diálogo entre dois personagens: Márcio, que se deslumbrava com a modernização da cidade e outro, representante de si mesmo, crítico do "processo civilizador" encetado pela Prefeitura. Seu posicionamento crítico é expresso em um sentimento nostálgico quanto a cidade estimada que sucumbia ante os "progressos da civilização":

"Deixaremos a terrasse de um desses alegres cafés modernos, cheios de uma palradora mocidade fútil, cantante da alegria feminina de uns vestidos claros, e empreenderemos essa viagem **civilizadora**, pelo consolo de uma rua larga e nova, em busca de algo que nos descobrisse, ali, a saudade lamentosa das tradições.

Para Márcio, nesse trecho novo da vida carioca, nenhuma reminiscência, sequer, de antanho, do velho Rio que desaparece, encontraríamos: nenhuma.

A mim, alimentava-me a esperança enlevadora de encontrar, no esquecimento de um uso, de um costume simples, a antiguidade patriarcal da minha simples cidade carioca.

Curiosos, ávidos, lá íamos para olhar o casario novo da Avenida, para o tromento desabalado das suas cúpulas, que estendiam já, pelas calçadas, as primeiras sombras dos seus vultos negros.

Nada. Tudo novo; **tudo civilização**, desde o feitio semi-circular das vitrines, ao estilo arte-nova das frontarias; desde a miúda pedra arabescada do calçamento, à polychromia estonteante das pinturas. Tudo novo de hoje, sem o resquício de um velho hábito, nem a reminiscência de um costume antiquado.

Ávidos, curiosos, seguíamos por essa longa Avenida encantadora, despertados, aqui, ali, pelo fom-fom modernos dos automóveis, pelo guisalhar novo da alimária dos fiacres. Márcio exultava.

Vês? Tudo moderno, tudo **civilização**. São os autos que passam na inconsciência do seu mecanismo, no seu desgracioso feitio de fogões...a gasolina. É o engenho humano vencendo a elegância animal. Olha. Agora são os fiacres. É Paris, puro Paris, até na cor das lanternas e na posição desanimada dos cavalos. Tudo novo, tudo **civilização**.

E caminhávamos, ao lado um do outro, Márcio com a sua palrice de meridional, apontava as esquinas:

- Reconstrua, se és capaz, aqui nesse trecho o pedaço que existiu da tua velha cidade.

(...)

Que mais queres? Voltemos, já se faz tarde e o frio aperta. Para lá só tens a **supercivilização** - O Theatro Municipal, o Palácio Monroe. - Eu seguia silencioso,

roído desse despeito mal concentrado dos vencidos, notando defeitos, falhas de estéticas.

Como era cruel aquela verdade. Nesse longo percurso, desde o extremo comercial da Avenida, até aquele recanto sossegado e claro, por aquela rua suntuosa e clara, não encontraremos, sequer, o mais leve indício de uma tradição, a saudade viva de um costume antigo.

A **civilização triunfava** gloriosamente, esmagando toda a existência patriarcal da minha velha cidade carioca. Estava vencido, não havia dúvida."³¹. (Grifos meus)

No artigo, o processo de modernização empreendido pela Prefeitura, representado pelo deslumbramento de Márcio, dialoga com a tradição popular, arquitetônica e urbanística da cidade, representado pelo sentimento nostálgico do personagem que encarna o autor. No diálogo fictício da modernização com a tradição, a civilização aparece como regulamentação da ética urbana através da proibição de hábitos populares tradicionais do Rio de Janeiro - "enumerava progressos que se iam fazer, posturas municipais que se iam votar, para a completa remodelação da vida carioca"; aparece também como remodelação urbanística e arquitetônica da cidade - "*reconstrua se és capaz, aqui neste trecho, o pedaço que existiu da tua velha cidade*"; como progresso técnico - "são os autos que passam na inconsciência vertiginosa do seu mecanismo, no seu desgraçoso feitio de fogões...a gasolina"; como assimilação à cultura europeia - "É Paris, puro Paris, até na cor das lanternas e na posição desanimada dos cavalos" e, por fim, pela atividade cultural e estética - "Para lá só tens a supercivilização - O Theatro Municipal, o Palácio Monroe - Eu seguia silencioso, roído desse despeito mal concentrado dos vencidos, notando defeitos, falhas estéticas".

Contudo, devemos ressaltar que é patente no artigo, mesmo pela quantidade de alusões ao termo e seus congêneres, a associação entre a reforma urbana empreendida pelo Prefeito Pereira Passos e a ideia de civilização. Esta ideia é percebida por Mário Pederneiras como estando associada à regulamentação da ética urbana, a despeito dos hábitos populares tradicionais no centro da cidade; à remodelação urbanística e arquitetônica do Rio de Janeiro; ao progresso técnico; à assimilação da cidade e dos seus habitantes à cultura europeia e à afirmação da atividade estética e cultural na cidade³². No entanto, mais do que o conjunto desses elementos, a civilização se caracterizaria por galvanizar todos eles em torno de uma ação de renovação, de estabelecer-se superando todo o passado e suas marcas. Uma ideia de civilização distante da acalentada pelo prefeito Passos, e próxima da idealizada pela elite política republicana, então sustentada por dois atores políticos, tradicionais defensores de um

³¹ Mario Pederneiras, "Tradições", *Kósmos*, outubro 1906 (*Apud* BRENNNA, Op. cit., p. 519-521) (Grifo meu).

³² Para que se perceba as iniciativas do prefeito com o intuito "civilizador", entendido na chave de sua perspectiva sobre essa ideia, recomendamos ao leitor a consulta às Mensagens do Prefeito, citadas no arrolamento de fontes desse artigo.

conceito de progresso arrasador do passado e de seus vestígios: os engenheiros do Clube de Engenharia e a burguesia cafeicultora paulista.

Como pudemos perceber, a relação entre as ideias de civilização e progresso se articulam de maneiras distintas nos discursos de Pereira Passos e nas abordagens que prevalecem nos principais órgãos de imprensa da Capital Federal. Se para o primeiro a noção de civilização é algo mais abrangente e valor maior a ser perseguido, para o segundo tende a aparecer como um valor subsumido a ideia de progresso, que conota um significado de melhorias constantes projetadas adiante, e que tem como seu centro principal a ideia de desenvolvimento material³³.

Fontes documentais:

BRENNA, Giovanna Rosso Del. *O Rio de Janeiro de Pereira Passos. Uma Cidade em Questão II*. Rio de Janeiro: Index, 1985.

MENSAGENS DO PREFEITO do Distrito Federal. Rio de Janeiro: Typografia da Gazeta de Notícias, 1903-1906. 7 v.

Bibliografia:

ABREU, Maurício. *A evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio de Janeiro/ Zahar, 1988.

ATHAYDE, Raymundo T. de. *Pereira Passos. O Reformador do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora A Noite, 1944.

AZEVEDO, André N. de. *Da Monarquia à República*. Um estudo dos conceitos de civilização e progresso na cidade do Rio de Janeiro (1868-1906). Tese de doutorado em História apresentada à PUC-Rio. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2003.

_____. *La génesis y el desarrollo de la idea de civilización en Europa*. Rivera: Revista Estudios Históricos. ISSN 1688-5317. Vol 17, ano VIII. pp. 1-18.

BENCHIMOL, Jaime. *Pereira Passos: um Haussmann tropical*. Rio de Janeiro: Secretaria Monarquia de Cultura, 1990.

BOBBIO, Norberto et al. *Dicionário de política*. Brasília: Ed. UNB, 2010. 2v.

BRAUDEL, Fernand. *Gramática das Civilizações*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

³³ Cabe marcar aqui que, não obstante as diferenças e aproximações entre as duas ideias, um em comum emerge: a condução autoritária da efetivação das mesmas pelo Estado brasileiro, que historicamente não reconheceu como civilizada as camadas populares do país e da cidade do Rio de Janeiro.

BURY, John. *La Idea del Progreso*. Madrid: Alianza Editorial, 1971.

CARVALHO, José Murilo de. *A Construção da Ordem*. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

_____. *Os bestializados*. O Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

COELHO, Edmundo Campos. *As profissões imperiais: Medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro, 1822-1930*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

EDMUNDO, Luis. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Distrito Federal: Senado Federal, 2003.

GADAMER, Hans G. *Verdade e Método*. Petrópolis: Vozes, 1997.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O Tempo Saquarema, a formação do Estado imperial*. São Paulo: Hucitec, 1986.

NISBET, Robert. *Historia de la idea de progreso*. Barcelona: Gedisa, 1981.

PAULOPOLITANO. *Biografia Histórica do Engenheiro Francisco Pereira Passos*. Niterói, 1941. (mimeo.).

RICUPERO, Bernardo. *O romantismo e a ideia de nação no Brasil (1830-1870)*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RIO, João. *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

SILVA, Gastão Pereira da. *Pereira Passos, o Reformador*. Rio de Janeiro, 1943. (mimeo.).

SODRÉ, Nelson W. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

STAROBINSKY, Jean. *La palabra civilisation*. In: Revista Prismas. Revista de história intelectual. n. 3. Buenos Aires: Universidade Nacional de Quilmes, 1999.

TELLES, Pedro Carlos da Silva. *História da Engenharia no Brasil*. Rio de Janeiro: Clavero, 1994.

Recebido em: 17/10/2016

Aprovado em: 06/06/2017